

CUIDADO DE NÓS: COMPARTILHAMENTOS ESTÉTICOS PARA PROMOVER COMPOSIÇÕES ÉTICO-POLÍTICAS

CARE OF US: AESTHETIC SHARING TO PROMOTE ETHICAL-POLITICAL COMPOSITIONS

CUIDADO DE NOSOTRAS: COMPARTIR ESTÉTICO PARA LA PROMOCIÓN DE COMPOSICIONES ÉTICO-POLÍTICAS

Karem Sâmia Pamplona Pires⁵⁸

Luis Artur Costa⁵⁹

Resumo: Somos tramas de narrativas constituídas por jogos de afetações, relações, estilos de vida, que compõem nossas maneiras de contarmos sobre nós mesmas e sobre o mundo. São estas tramas de narrativas - verbais, sonoras, visuais, corporais, etc. - que modulam o campo das nossas experiências prováveis e improváveis, podendo ensejar encantamentos e desencantamentos em nossos coletivos. A incorporação de outras narrativas erige espaços para outras políticas, que modulam estéticas e modos de vivermos juntas. As políticas narrativas moderno-coloniais (patriarcais, cisheteronormativas, eurocentradas) reiteram objetificações, isolamentos, fetichizações e reduções da singularidade ao valor geral econômico. Temos, no entanto, em nossas antepassadas uma intensa memória de outras políticas narrativas, que nos auxiliam a afirmar resistências às violências colonizadoras nos modos como vivemos nossas vidas. O presente trabalho busca evidenciar que o compartilhamento estético possui uma grande potência ético-política na formação e fortalecimento de coletivos, e evidenciar que possuímos, em práticas ancestrais uma intensa memória de outras políticas narrativas, por meio das quais podemos erigir novos modos de vivermos juntas.

Palavras-chave: Cuidado de nós; Coletivo; Compartilhamento de histórias; Encantamento.

Abstract: We are web/plots of narratives that constitute games of affectations, relationships, styles of living, recognizing and telling ourselves and the world. It is these web/plots of verbal, sound, visual, bodily narratives, that modulate the field of our probable experiences and also of the possible and improbable ones, being able to give rise to enchantments and disenchantments of our collectives. The embodiment of these narrations establishes communities of narration, that is, they erect narrative policies that modulate our stylistics of living together. Modern-colonial narrative policies (patriarchal, cisheteronormative, Eurocentric) reiterate objectifications, isolations, fetishizations and reductions of singularity to general economic value. However, we have in our ancestors an intense memory of other narrative policies that help us to assert resistance to colonizing violence in the way we live our lives. The present work seeks to show that aesthetic sharing has great ethical-political power in the formation

⁵⁸ Mestra em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É integrante do Coletivo Políticas do Narrar (UFRGS). E-mail: karem.pamplona@gmail.com

⁵⁹ Professor adjunto do Programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional e do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: larturcosta@gmail.com

and strengthening of collectives, having in ancestral practices an intense memory of other narrative policies which can build new ways of living together.

Keywords: Care of us; Collective; Share of histories; Enchant.

Resmuen: Somos tramas de narrativas que constituyen juegos de afectaciones, de relaciones, de estilos de vivir, de reconocernos y contarnos a nosotros mismos y al mundo. Son estas tramas de narrativas verbales, sonoras, visuales, corporales, las que modulan el campo de nuestras experiencias probables y también de las posibles e improbables, pudiendo suscitar encantamientos y desencantos de nuestros colectivos. La materialización de estas narraciones establece comunidades de narración, es decir, erige políticas narrativas que modulan nuestras estilísticas de convivencia. Las políticas narrativas moderno-coloniales (patriarcales, cisheteronormativas, eurocéntricas) reiteran objetivaciones, aislamientos, fetichizaciones y reducciones de la singularidad al valor económico general. Sin embargo, tenemos en nuestros antepasados un intenso recuerdo de otras políticas narrativas que nos ayudan a afirmar la resistencia a la violencia colonizadora en la forma en que vivimos nuestras vidas. El presente trabajo busca mostrar que el compartir estético tiene un gran poder ético-político en la formación y fortalecimiento de colectivos, teniendo en las prácticas ancestrales una memoria intensa de otras políticas narrativas que pueden construir nuevas formas de convivencia.

Palabras clave: Cuidado de nosotras; Colectivo; Compartir historias; Encantamiento.

Introdução: o compartilhamento de histórias como estratégia clínico-política de formação de coletivos de mulheres

Noites seguidas escuto gritos de rasga-mortalha pelas redondezas. Pode ser engano dos meus ouvidos, mas o reconhecimento imediato acontece pela fama de agourento presente nas diversas narrativas que li e escutei em Belém. Por isso, é fácil pensar em suas asas cortando ares na escuridão a produzir o som característico de pano rasgando. Ao contrário da chuva diária que molha e alivia o calor, sua aterrissagem nos telhados é indicadora de desgraça e morte iminente para algum morador da casa. “Oxe, cruz credo”, diria qualquer um que sabe que não se trata apenas de uma pequena coruja branca com marrom, mas uma das possíveis metamorfoses da Matinta Perera.

Matinta desassossega qualquer um com seu assobio estridente e sua presença nas ruas facilmente afasta a circulação ao anoitecer. Embora, em sua forma humana, ela se apresente como uma velha pedinte com vestimentas sujas e rasgadas, cabelos desarrumados sobre o rosto, traz consigo uma lamparina que lhe confere aparência sobrenatural.

O conselho é dado: “Mana, convida ela pra buscar fumo ou tomar café na tua casa”. Geralmente, é dessa maneira que se descobre quem se transforma em Matinta na vizinhança, pois sempre surge alguma mulher para cobrar o prometido no dia seguinte. Aos que lhe negam os pedidos ou zombam, ela persegue, dá surra e amaldiçoa.

[...] às mulheres resta a redobrada atenção caso escutem a pergunta “Quem quer?”. As Matintas quando estão próximas da morte devem passar adiante seu legado, logo, se alguma mulher responde “Eu quero!”, acreditando que irá

receber algo bom, receberá a sina de se transformar em Matinta (PIRES, 2022, p. 31, no prelo).

A narrativa que inicia este artigo faz parte de uma grande trama de narrativas tradicionais, histórias que eram compartilhadas em uma noite estrelada na volta de uma fogueira. São narrativas que vão se perdendo e dando lugar às narrativas globalizantes que requerem que todos falemos a mesma língua, aniquilando as diversidades (KRENAK, 2019). A narrativa da Matinta nos conecta às práticas ancestrais de sentar em roda e expressar por meio da oralidade as experiências vividas. Experiências como estas, de escuta de histórias e compartilhamento de saberes não tradicionais, nos remetem ao que Krenak aponta como constituintes de um sujeito coletivo.

Pessoas que cresceram escutando histórias profundas que reportam eventos que não estão na literatura, nas narrativas oficiais, e que atravessam do plano da realidade cotidiana para um plano mítico das narrativas e contos. É também um lugar da oralidade, onde o saber, o conhecimento, seu veículo é a transmissão de pessoa para pessoa. É o mais velho contando uma história, ou um mais novo que teve uma experiência que pode compartilhar com o coletivo que ele pertence e isso vai integrando um sentido da vida, enriquecendo a experiência da vida de cada sujeito, mas constituindo um sujeito coletivo. (KRENAK, 2018, p. 4,5)

O enredo e sua personagem dão corpo à complexa inscrição das mulheres em um meio de capturas e resistências diante das lógicas patriarcais e sua usual produção de uma postura de suspeição diante do “querer” das mulheres. Para tanto, a história, por um lado, incorpora certo receio em erguer a voz em meio à comunidade e afirmar “eu quero”, no entanto, por outro lado, a mesma narrativa enseja uma série de práticas de hospitalidade para com as mulheres de idade avançada e condição financeira vulnerável.

Por meio desta complexidade de posições proporcionadas pela narrativa da Matinta, podemos abrir aqui uma reflexão sobre a grande relevância de determos nosso olhar sobre nossas políticas narrativas (COSTA, 2020), ou seja, sobre os jogos narrativos que compomos coletivamente, os quais, por sua vez, compõem coletivos e seus jogos de interação. Atentarmos para as nossas políticas narrativas é uma forma de afirmarmos um “cuidado de nós” (PIRES, 2022): nos tornarmos sensíveis e intervirmos sobre a trama de narrativas na qual estamos imersos e a partir das quais somos afetados e afetamos ao mundo.

Nossas intervenções sobre estas tramas de compartilhamentos de histórias podem ensinar ou resguardar lugares narrativos, enredos de vida, modos de nos relacionarmos conosco

e com as alteridades do mundo. Para tanto, temos de buscar que formas de vivermos juntas, que formas de narrarmos a nós mesmxxs que tais narrares estão cerzindo? Podemos tanto resguardar antigas narrativas quanto (re)inventar novos narrares a partir do perscrutar de tais questões. O presente trabalho se propõe a pensar as políticas do narrar como estratégia de resistência, promoção de saúde e formação de coletivos, desde uma perspectiva feminista e desmanicolonial (GOMES, 2017), posto que promovem outras práticas de cura para além das prescritas pelas ciências psis.

Cada narrar, assim como cada palavra e cada língua, carrega consigo um mundo inteiro: em sua gramática, em seus modos de significar e destacar elementos da trama-mundo que habitamos, as histórias e as línguas trazem consigo conceitos e valores, formas de perceber e de sentir, delimitando, assim, campos possíveis da nossa experiência, desenhando blocos de perceptos e afectos, isto é, blocos de sensações (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Cada conjunto de narrativas, assim como cada língua, é um ecossistema que pode enriquecer a complexidade e singularidade dos nossos modos de existir. Experimentar tal imersão em narrares múltiplos, sem homogeneizá-los em um narrar hegemônico, é uma experiência de suspender o céu: “Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas o existencial” (KRENAK, 2019, p.32).

Na companhia de Krenak (2019), também nos questionamos sobre a insistência em atualizar o que remete à “servidão voluntária”, ao fazermos alianças com o projeto colonial que fixa nossas existências, vivacidades e inventividades ao modelo dominante proposto, conforme bell hooks (2013, p.104) afirma “há certas coisas que sabemos na nossa vida e cujo conhecimento nós vivemos, além de qualquer teoria que já tenha sido teorizada”. Faz-se, assim, fundamental a retomada de um território narrativo: a reinvenção de um plano imaginário que transforme os modos como narramos a nós mesmas, que desloque nossas formas de narrar os acontecimentos da nossa história e os eventos do mundo. Retomar a potência política do simples gesto de compartilhar histórias por meio de poemas, canções, contos e prosas: afirmar a retomada de outras políticas do narrar para além daquelas moderno-coloniais fundadas em uma predileção por traduzir as vidas e os eventos em termos econômicos, seja enquanto recursos presentes ou *commodities* futuras. Se tais políticas narrativas moderno-coloniais, em sua fome de formalização matemática e universalização abstrata, proporcionaram, por um lado, a construção de um plano geral da humanidade, que uniu esta espécie e possibilitou erigir a ideia de direitos humanos, foi a mesma política narrativa que estabeleceu uma desigual hierarquia

entre humanos marcando-os a partir de distinções de raça, gênero, classe, sexualidade, nacionalidade, etc.. Assim, foi exatamente esta trama de narrativas da colonialidade que sustentou e sustenta, em nossos dias, uma série de violências, que objetualizam e aniquilam as potências de vida de todas e todos que escapam dos esquadros coloniais.

O presente artigo pretende, portanto, provocar fissuras nas políticas de desencantamento colonial, a partir dos compartilhamentos de narrativas como estratégia para a produção de coletivos. A prática poética de contar histórias, declamar poemas, cantar músicas, entre outras, territorializam aqui o uso de narrativas poéticas para criamos respiradouros, para suspendermos o céu diante do sufocamento das ideias de destruição e fim do mundo.

A palavra poética como encanto contra o desencantamento colonial

[...]Era uma vez um Brasil conservador
Aprenda a sentar feito mocinha
Ou prende o cabelo ou alisa de chapinha
Mesmo acompanhada de uma, duas, três, dez
mulheres
Dirão que estás sozinha
Vê se não encurta a roupa
Mulher trabalhadora é puta
Mulher que questiona é louca
Mulher inteligente é plágio?!
Fala por cima da nossa voz porque homem é o
sexo frágil
Vadias, vagabundas, putas
bruxas, feiticeiras queimadas na fogueira da
inquisição
Assediadas por amigos, pelo patrão, por parentes,
desconhecidos
e até líder de religião
Nosso corpo
As regras deles
Violadas dentro de casa, na mais movimentada das
avenidas
Espaço público é cenário de guerra com macho que
te seca
No ônibus abre as pernas, se esfrega sem a nossa
permissão
E até ejacula sem receber punição
Não!
Eu grito, denuncio homens abusivos, agressores
Desde mãe África ancestrais cheias de cores
Em senzalas estupradas
Por brancos senhores

Índias aculturadas em nome de cristo
Tantas irmãs perdidas para o machismo,
Mão direita do capitalismo fez da américa
desgostosa
A beira do abismo
Eu sou isso
Apenas uma moça latino-americana
Me agarro as lutas do passado
Pra ter força no presente [...]
(Bell PUÃ⁶⁰, 2018)

Qualquer pessoa que já teve a experiência de participar de uma roda de *Slam*⁶¹ sabe da potência que vibra entre os corpos unindo-os em um corpo múltiplo e singular. Nestes espaços vive-se o intenso compartilhamento de histórias de vida, feitas de poesias, experiências cotidianas rimadas e ritmadas de modo a se erguerem como potentes dispositivos de produzir afetações por meio do trabalho poético da palavra feita performance. Existe ali um complexo processo de constituição de coletivo e de elaboração coletiva das opressões vividas. Verter poesia à dor impingida pelas lógicas coloniais capitalísticas é uma forma de resistir coletivamente diante delas, contagiando- a de alegria, indignação e força para resistir entre os corpos que participam do *Slam*.

Como na escrevivência de Conceição Evaristo (2017), tais narrativas não tem como finalidade aplacar conflitos, mas sim produzir um levante para além das narrativas tornadas hegemônicas. São narrares que transgridem as normas do narrar eurocentrado da branquitude patriarcal cisheteronormativa burguesa. É uma denúncia das políticas de narrar coloniais e uma enunciação de novas políticas do narrar: um “ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida em suma” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 6). Conforme Simas e Rufino (2020, p.12), é urgente que o Brasil comece a dar errado, pois até então, o projeto colonial do Brasil obteve sucesso em torna-lo “excludente, racista, machista, homofóbico, concentrador de renda, inimigo da educação, violento, assassino de sua gente, intolerante, boçal, misógino, castrador, faminto e grosseiro”. Num padrão de desencanto e desmantelo existencial,

⁶⁰ Isabella Puente de Andrade, poeta de nome artístico Bell Puã, venceu o campeonato brasileiro de poesia falada Slam BR em 2017. Sua principal obra é “Lutar é crime”, publicado em 2019 e finalista do Prêmio Jabuti de Literatura de 2020.

⁶¹ As competições de slam surgiram na década de 80 nos Estados Unidos, competições de poesias faladas julgadas pelo público presente. No Brasil, as competições geralmente ocorrem nos espaços públicos, tendo três regras principais: poesias devem ser de autoria do poeta, o tempo de apresentação deve ser no máximo três minutos e não podem ser utilizados adereços durante a apresentação, somente a voz.

que aprisiona a vida num modo obediente aos ritmos de consumo, produção e utilidade, temos as existências transformando-se em zumbis com o esvaziamento de tudo aquilo que representa prazer na vida (SIMAS; RUFINO, 2020; KRENAK, 2019). “O desencantamento diz sobre as formas de desvitalizar, desperdiçar, interromper, desviar, subordinar, silenciar, dismantelar e esquecer as dimensões do vivo, da vivacidade como esferas presentes nas mais diferentes formas que integram a biosfera” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 11).

Os narrares compartilhados no *Slam* são uma batalha poética e um acolhimento amoroso (hooks, 2020), uma prática de cuidado e franqueza contra a persistência de uma história única que reserva sempre os mesmos personagens e os mesmos enredos para algumas pessoas que são marcadas socialmente a partir de esquadros de raça, gênero, classe e sexualidade. Chimamanda Adichie (2019) alerta o perigo da produção de histórias únicas, pois, assim, diversas vozes são desconsideradas e é revelado apenas o lugar de poder de quem narra esta história. Audre Lorde (2019, p. 53), por sua vez, questiona: “Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio?”. A autora evidencia a socialização das mulheres, onde as questões de linguagem e definição são colocadas abaixo do medo, provocando-as a aguardar a dissolução do medo ainda em silêncio.

Tais políticas do narrar moderno-coloniais nos encerram em espaços de sufocamento existencial, sem possibilidades de inventar novos enredos e novos personagens, restando, muitas vezes, o lugar narrativo da pessoa que adoecer enquanto lugar de inscrição do corpo oprimido pelas desiguais distinções sociais que permeiam as práticas societárias de narrar raça, gênero e classe. Assim, para as mulheres periféricas racializadas fora da branquitude, muitas vezes tais narrativas levam a uma política de inimizade alterocida (MBEMBE, 2018; 2019), pela qual elas são encaradas fisicamente, sendo aniquiladas subjetivamente por tais práticas necropolíticas de afirmação da morte em vida: “A doença, o abatimento, o desarranjo das memórias, é o dismantelo existencial. O desencantamento às vezes, aniquila, às vezes aquebranta, lançando-nos em uma contínua perda de vivacidade que imobiliza e tampa nossos ouvidos ao canto dos pássaros dos sonhos.” (SIMAS; RUFINO, 2020, p.16).

Para Simas e Rufino (2020), diante da ameaça dos venenos expelidos continuamente pelo fenômeno da colonização, transformando os sujeitos em apenas mais uma peça da engrenagem ao desconsiderá-los como também os seus saberes, temos o encantamento como política de vida para afirmar o ser como ecológico, contrariando a lógica colonial que o perpetua

como total num modo único de existir. Rufino (2020, p.56) expõe que o encantado “é aquele que em uma situação de morte se transmutou, adquirindo outro corpo/linguagem. Dessa forma, ao se encantar, ele se amplia, se alarga, se multiplica e pode vir a ser manifestar vestindo as mais diferentes carapuças”. Assim, o encanto multiplica nossas maneiras de existir, nossas linguagens e modos de produção de conhecimento.

Muniz Sodré afirma elementos estratégicos de resistência, onde há não somente oposição, mas também criação. Ele fala do cantar e do dançar enquanto afirmação de ritmos, de ritos que produzem territórios de resistência permeados por uma alegria lúdica e festiva (SODRÉ, 2002), constituindo jogos poéticos que escapam aos esquadros colonizadores e não apenas denunciam as muitas violências colonizantes, mas também enunciam territórios, atualizando virtualidades ancestrais e experimentando outras narrativas para além daquelas que se queriam únicas.

A dança é um jogo de descentramento, uma reelaboração simbólica do espaço. Considere-se a dança do escravo. Movimentando-se no espaço do senhor, ele deixa momentaneamente de se perceber como puro escravo e refaz o espaço circundante nos termos de uma outra orientação, que tem a ver com um sistema simbólico diferente do manejado pelo senhor e que rompe limites fixados pela territorialização dominante (SODRÉ, 2002, p.135)

A dimensão poética é aquela que se debruça com um olhar cuidadoso sobre a modulação de nossas experiências, buscando, em seu cuidado, promover os encontros alegres e evitar os tristes (DELEUZE, 2008), ou seja, ampliar nossas possibilidades de composição coletivas e evitar os isolamentos solitários que diminuem nossa capacidade de agir e sustentar tais ações no mundo. Deste modo, toda prática estética carrega consigo um estilo composicional o qual, por sua vez, afirma uma certa política, ou seja, uma certa modulação da experiência do viver juntas. Tal potência política de composição coletiva permite que em diferentes linguagens as práticas estéticas possibilitem escaparmos das armadilhas narrativas coloniais, tal como nos descreve acima Muniz Sodré ao referir-se à dança. Dançar, cantar, fazer música em improvisos ou ainda compartilhar histórias, oralmente ou de modo escrito, são todas formas de afirmar territórios de resistência, constituir arquipélagos de alegria em pleno continente triste da colonialidade. Os corpos em sua expressividade fazem vibrar ondas, pelo movimento, pelo som e pelo verbo, de modo ressoarem um coletivo capaz de transformar até mesmo nas caixas coloniais voltadas ao silenciamento mais agudo como as escolas, os hospícios e as prisões.

Por isso, quando cantávamos, fazíamos bem alto e sincronizadas, aquilo nos acalmava diante da perda de tantas referências. Uma iniciava uma canção, e

as outras acompanhavam até o final. Tentávamos prolongar a nossa válvula de escape ao emendar o fim de uma música no início de outra, nos olhares que dialogavam, nos sorrisos que se confundiam, nas mãos que batucavam e nos corpos que, às vezes, dançavam ao som das músicas.

Nossas vozes, ao se erguerem, abalavam o prédio feito da lógica manicomial. Instantes nos quais nos envolvíamos de coragem, que podíamos contagiar e ser contagiadas pela alegria, escutar as melodias umas das outras e o momento de reagrupar nossas forças. As vozes percorriam os corredores em direção à construção de um novo território no qual podíamos sustentar umas às outras (PIRES, 2022, p. 54).

Cuidado de nós: composições estético-políticas como retomada de práticas ancestrais

Bell hooks (2019) aponta que, ao propor que as mulheres se manifestem, ergam suas vozes e contem suas histórias, reforçamos um dos aspectos centrais e transformativos do feminismo, que a nossa luta também é feita no campo da linguagem. Bell hooks (2013) acrescenta que contar histórias é um ato potente para construção de comunidades, espaços nos quais a fala e a escuta possam ser compartilhados e, assim, também considerados e respeitados os saberes dos sujeitos. A autora evidencia o processo de autorrecuperação como um processo de recuperação da própria história, de reconciliação e busca por reparar e transformar o que a colonização propaga como história única (hooks, 2019).

Na resistência, o explorado, o oprimido, trabalha para expor a falsa realidade-para reivindicar e recuperar a nós mesmos. Nós fazemos a história revolucionária, contando o passado como aprendemos no boca a boca, contando o presente como o vemos, sabemos e sentimos em nossos corações e com nossas palavras (hooks, 2019: 26, 27)

De acordo com Almeida (2019, apud HOOKS, 2019), a ideia de autorrecuperação dialoga com o cuidado de si de Foucault (2010), pois no campo político o investimento não pode estar somente na denúncia e crítica dos outros, mas também em um olhar para si e revisitar nosso cotidiano a fim de reconhecer as atitudes que corroboram com aquilo que denunciemos. Para Foucault (2010), o cuidado de si está interligado com o cuidado com os outros. No entanto, pensamos que Foucault fala de um cuidado, numa cultura centrada nos homens e na tradição europeia, um cuidado que não inclui explicitamente as mulheres ou os demais berços

civilizatórios em sua trajetória histórico-filosófica. Estamos imersos em uma cultura na qual as mulheres são levadas a assumir o cuidado dos outros, antes do cuidado de si.

Na real, mulheres encarnam, por vezes, esse papel da guerreira, de um heroísmo, no qual salvar o mundo é mais importante que salvar a si mesma. [...] Desde pequena, aprendi que ser mãe e esposa é algo sagrado, você tem a obrigação de ser uma leoa feroz a fim de defender seus semelhantes. Em vários momentos, você tem que sacrificar bem-estar e conforto para que outra pessoa o tenha, é sua responsabilidade. É como assumir o compromisso eterno de que as questões e necessidades de outra pessoa serão mais importantes que as suas. Uma tarefa interminável, pois a partir do momento em que se liga o alerta, você não consegue mais reconhecer quais são as suas questões e necessidades enquanto as dos outros não forem suficientemente satisfeitas.

Ser reconhecida como uma heroína é ser admirada e respeitada. Inúmeras vezes, vi mulheres orgulhosas quando reconhecidas como mães, esposas, filhas ou profissionais que se sacrificam, que abdicam do cuidado de si para investimento no cuidado dos outros. Não é à toa a presença de muitas mulheres nas profissões que envolvem o cuidado de outras pessoas.

Mas também, vi mulheres sobrecarregadas e esgotadas de ocuparem seus lugares de mártir, que tiveram seus corpos marcados como defeituosos, como não heroínas, quando demonstraram suas fraquezas e vulnerabilidades. Mulheres que vão ser nomeadas como péssimas mães, esposas, filhas e profissionais ou distanciadas dessas nomenclaturas, sendo desconsideradas até como mulheres, que são facilmente descartadas para não receberem visitas em hospitais psiquiátricos (o que acontece também nos presídios) (PIRES, 2022, p. 71)

Em nossa discussão, inserimos que bell hooks (2019) nos fala sobre um cuidado de nós. Um cuidado que escape da socialização que faz as mulheres priorizarem o cuidado dos outros, no qual ninguém precisa se sacrificar. O cuidado de nós é um convite para formação de uma comunidade onde o cuidado circula, um lembrete da importância de cuidarmos e sermos cuidadas também. Assim, vemos que, no movimento de composição estética de um compartilhar de histórias, de um encontro entre vozes, palavras e movimentos, torna-se tão relevante quanto a fala, a escuta. Tal prática de promoção de um compartilhar de palavras para a formação de um coletivo de escuta passa por diferentes personagens que antecedem em muito as ciências psicológicas: djéjis e griôs, por exemplo, envolvem uma complexa diversidade de papéis nas suas comunidades, pois são, ao mesmo tempo, contadores de histórias, diplomatas, médicos, artistas, poetas. Eles escutam, narram e guardam a memória viva de um coletivo, são artistas da composição dos encontros em comunidade e, por isso, estão muito além do que nossa terminologia colonial é capaz de nomear. Nas palavras do Djéli Sotigui Kouyaté (2006): “Um verdadeiro encontro, não se dá senão pela escuta. E que escuta é essa? Não é ouvir com o

ouvido. Mas é ser sensível ao outro. (...) A escuta é questão de sensibilidade. Eu sou sensível ao outro. O outro é sensível a mim”.

Para além desta comunidade de escutas, vemos também a promoção de apoios mútuos na composição dos corpos, no compartilhar de presenças e olhares como forma de, por meio dos coletivos, potencializar a possibilidade de estar presente em diferentes espaços, mesmo quando estes são permeados por lógicas patriarcais que ameaçam e objetificam constantemente aos corpos das mulheres. De maneira semelhante à proposta de Babi Souza (2016) no movimento “Vamos Juntas?”, que formava aliança entre mulheres que sentem medo quando andam sozinhas na rua, o cuidado de nós reforça a relevância de “estarmos juntas”. Sabemos bem que as tramas narrativas que costumam imperar em nossos espaços públicos afetam os corpos das mulheres e tornam a permanência no espaço público uma exposição constante a múltiplas violências: as palavras adentram aos ouvidos como mosquitos dos quais não conseguimos nos livrar nem nos desviar, por mais que tentemos, muitas vezes, movimentos de esquiva, ignorando tais palavras-flechas que cravam em nossa escuta e que carregamos conosco em nossos corpos. Estar juntas não só em palavras ou teorias, mas em ações de escuta e acolhimento. O termo “tóxico” tão utilizado inúmeras vezes para se referir a diferentes situações é extremamente apropriado para tal ecossistema dos olhares, dos dizeres e dos gestos nos quais os corpos femininos são constantemente assolados por interpelações das mais variadas, em sua grande maioria operando objetificações das mulheres que permanecem em tais espaços.

A única forma de enfrentar tal toxicidade que despontecializa, que desencanta as vidas das mulheres nas cidades, é a promoção de outras tramas narrativas as quais possam servir de paraquedas coloridos (KRENAK, 2019) a suspenderem o céu e ampliarem a possibilidade de respirar no espaço público e, assim, ocupar tal relevante espaço político, com uma marca, que desloque as políticas narrativas moderno-coloniais. Tal composição de coletivos por meio de uma partilha estética permite, pelo cuidado de nós, potencializar e sustentar a presença das mulheres em espaços antes inóspitos e promover, assim, outras territorialidades, outros ritmos e estilísticas do conviver, que desloquem as lógicas destes lugares tão plenos de desencantos.

Considerações finais

As políticas narrativas moderno-coloniais (patriarcais, cisheteronormativas, eurocentradas) reiteram objetificações, isolamentos, fetichizações e reduções da singularidade ao valor geral econômico. Temos, no entanto, em nossas antepassadas uma intensa memória de outras políticas narrativas, que nos auxiliam a afirmar resistências às violências colonizadoras do modo como vivemos nossas vidas.

O presente trabalho evidenciou a grande potência ético-política do compartilhamento estético na formação e fortalecimento de coletivos, e que possuímos, em práticas ancestrais uma intensa memória de outras políticas narrativas, por meio das quais podemos erigir novos modos de vivermos juntas. São práticas muito simples de tramar coletivos, práticas que há muito fazem parte das nossas tecnologias sociais de afirmar um bom-conviver. Tal singeleza e o fato de serem práticas que permeiam nossos cotidianos desde tempos imemoriais, fazem com que muitas vezes subestimemos sua potência ético-política. Tal desvalorização destes exercícios estéticos de promoção de coletivos políticos se dá, inclusive, por seu contraste com as tecnologias sociais moderno-coloniais, em sua pantomima espetacular, na constante busca por uma atmosfera de “inovação”, a renovar sempre um sedutor brilho fetichista do consumo de novas soluções. Mas, e se a promoção dos bons-conviveres, que possibilitam bem-viveres, estiver em gestos tão simples quanto contar uma história, declamar um poema, cantar uma canção, dançar uma música, compartilhar uma presença? Vemos, assim, que a retomada de práticas ancestrais de compartilhamento de histórias (pela escrita e pela contação oral), assim como a promoção de encontros, por meio da composição estética coletiva, são estratégias potentes para fazer frente às violentas lógicas moderno-coloniais, com sua produção de isolamento, objetificação, mercantilização e aniquilação alterocida. Assim, a retomada das cidades e dos imaginários pelos corpos e narrativas das mais diversas mulheres podem se sustentar na força da composição coletiva e de suas potências estético-políticas.

Em especial, vemos que, por meio destes exercícios estéticos de potencialização de coletivos ético-políticos de mulheres, podemos retomar o campo da promoção da saúde mental para além das políticas narrativas tecnocientíficas de psiquiatrias e psicologias centradas em lógicas moderno-coloniais, nas quais as pessoas são enredadas em processos de objetificação e perdem a possibilidade de agenciamento. Obviamente não se trata aqui de querer estabelecer qualquer oposição entre as políticas narrativas “psis” e estas outras narratividades ancestrais, pelo contrário, falamos de uma retomada do espaço narrativo da saúde mental, hoje um ecossistema de ideias e práticas ainda muito homogeneizado por lógicas moderno-coloniais, de modo a complexificar e singularizar tal ecossistema de fazeres, pensares e sentires. A

construção de tais coletivos de compartilhamento estético são uma forma de retomada dos imaginários da saúde, por parte de práticas que vinham sendo destes excluídas, permitindo, assim, o novo viscejar de antigas práticas que podem promover a saúde mental na atenção básica de saúde, por exemplo, desde uma perspectiva feminista e antimanicolonial.

Para concluir o presente artigo abrindo mão de conclusões, permitindo que ele siga sendo escrito por novos encontros que ele mesmo enseje, queremos lhes fazer um convite a adentrar uma trama de compartilhamentos narrativos em seus encontros cotidianos e acadêmicos. Abrimos, assim, uma encruzilhada pela qual uma multitude de trajetórias poderá se encontrar sem outro fim que não este: o encontro, o compartilhamento e a promoção de bons-viveres em prol de bens-viveres sempre singulares e fortalecidos pelo encontro entre as muitas formas de ser mulher que cada uma de nós erigiu em suas vidas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Marilea de. Prefácio. IN: HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

COSTA, Luis Artur. Narrar-se para se desgarrar do razoável: a ficção como dispositivo clínico-político ético-estético. *Revista Paralelo* 31, ed. 15. Pelotas, dez 2020; pp.180-207. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/21006/12956>.

DELEUZE, Gilles. *En Medio de Spinoza*. Buenos Aires: Cactus, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 1992.
EVARISTO, Conceição. Entrevista concedida à Estação Plural - TV Brasil. Disponível em: <https://tvbrasil.etc.com.br/estacao-plural/2017/06/escritora-conceicao-evaristo-e-convidada-do-estacao-plural>. Acesso em 24/02/ 2022.

FOUCAULT, Michel. “A ética do cuidado de si como prática da liberdade”. In: *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GOMES, Bárbara dos Santos (2017). Encontros Antimanicoloniais nas trilhas Desformativas (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização – Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva), Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/196363>.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020.

KOUYATÉ, Sotigui. Entrevista concedida. Em: Handfest, Alexandre. Sotigui Kouyaté: um griot no Brasil. São Paulo: SESCSP Produções, 2006. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te_3pJL.

KRENAK, Ailton. A potência do sujeito coletivo - Parte I. Revista Periferias. Rio de Janeiro, v.01, n.01, 2018. Disponível em: <http://revistaperiferias.org/materia/apotencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>. Acesso em 24 fev. 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1, 2018.

PIRES, Karem Sâmia Pamplona. *À escuta das mulheres: a poética periférica como dispositivo clínico-político*. 2022. Mestrado (Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional) - Faculdade Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil (no prelo).

PUÃ, Bell. Especial Poesia - Bell Puã. 2018. (3m15s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zu2Ij_ypkQw. Acesso em 23 fev. 2022.

RUFINO, Luiz. Casa de caboclo: feitiço de brasilidade. Periferia, v. 12, n. 3, p. 53-66, set./dez. 2020.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento (sobre política de vida)*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. E-book.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma-social negro brasileira*. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUZA, Babi. *Vamos juntas? - O guia da sororidade para todas*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.